

As Dificuldades para Empreender do Ponto de Vista dos Cegos

Carlos Eduardo Ferrari
carlos.ferraria@avape.org.br
Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Laércio Baptista da Silva
reitor@imes.edu.br
Universidade Municipal de São Caetano do Sul

Resumo

O empreendedorismo por necessidade não decorre apenas do nível de desemprego, mas também da dificuldade para encontrar emprego em virtude de diferentes tipos de deficiências. Assim, este trabalho tem como objetivo verificar como pessoas cegas lidam com as dificuldades para o estabelecimento e manutenção de seu próprio negócio. Trata-se de pesquisa de cunho exploratório, com dados obtidos mediante depoimentos de empreendedores cegos. Os resultados da pesquisa indicam como os cegos mediante criatividade tendem a retirar da adversidade idéias que contribuem para que se tornem empreendedores. Também deixam claro que muito pode ser feito em prol desses empreendedores pela educação. Conclui-se, pois, pela necessidade de elaboração de programas e projetos educativos, bem como de organizações capazes de apoiar a ação de empreendedores cegos.

Palavras-chave: Empreendedorismo por necessidade. Cegos. Inclusão social.

1 Introdução

O empreendedor tem sido apresentado como um inovador em busca de novas oportunidades, novos produtos, novas tecnologias, novos processos e novos formatos organizacionais. Assim, a ênfase tanto nos estudos e pesquisas quanto nos programas voltados ao empreendedorismo tem sido colocada naquelas pessoas que apresentam determinados atributos pessoais, como criatividade, capacidade para romper com padrões, habilidade para detectar oportunidades e baixa aversão ao risco.

Estes atributos, no entanto, estão desigualmente distribuídos na população. Dessa forma, apenas a alguns indivíduos estaria permitido empreender (ALBAGLI, et al. 2003). Constata-se, então, que esta concepção de empreendedor mostra-se insuficiente quando se considera a realidade dos países em desenvolvimento. Nestes, a falta de empregos leva muitas pessoas a buscar meios emergenciais de conseguir dinheiro, como trabalhar de forma autônoma ou prestando pequenos serviços. Dessa forma, o empreendedorismo torna-se uma questão de sobrevivência. Por essa razão é que muitos trabalhos tratam hoje do

chamado empreendedorismo por necessidade. Basta considerar que no Brasil a taxa de empreendedores que iniciam seus negócios por necessidade é de 5,3, sendo que na Alemanha é de 1,6, nos Estados Unidos, 1,5, na Itália, 0,8 e na Holanda, 0,3 (SCHLEMM, 2007).

Mas o empreendedorismo por necessidade não decorre apenas do nível de desemprego. É possível falar também de outro segmento de empreendedores por necessidade: o constituído por pessoas que encontram dificuldade para encontrar emprego em decorrência de diferentes tipos de deficiências. Basta considerar, por exemplo, que a população constituída por pessoas portadoras de deficiência visual no Brasil é estimada em 750.000 pessoas. São, pois, pessoas que apresentam dificuldades podem representar obstáculos ao seu aproveitamento produtivo na sociedade.

Essas dificuldades poderiam ser eliminadas pelo menos em parte mediante uma educação adaptada à realidade das pessoas com deficiências e o uso de tecnologia para diminuir as barreiras. Mas nos países menos desenvolvidos, em que são tantas as prioridades, essas pessoas tendem a encontrar muito mais dificuldades no acesso à educação e à cultura. Os empregadores, por sua vez, tanto em virtude da falta de incentivos quanto da pouca disposição para contribuir com a inclusão dessas pessoas, tendem a preferir a admissão das pessoas consideradas normais.

Em decorrência desse cenário, muitas pessoas portadoras de deficiência, mesmo que prioritariamente empenhadas em atuar como assalariadas, ao perceberem as dificuldades, procuram identificar suas potencialidades, identificar oportunidades e capacitar-se profissionalmente com vistas a abrir seu próprio negócio. Dessa forma, transformam-se em empreendedores.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo verificar como empreendedores cegos lidam com as dificuldades para o estabelecimento e manutenção de seu próprio negócio. Trata-se de pesquisa de cunho exploratório, que não tem como propósito proporcionar uma resposta definitiva ao problema, mas propiciar novas abordagens do problema com vistas à construção de hipóteses que possam subsidiar futuras pesquisas.

2 Revisão bibliográfica

2.1 Os muitos empreendedorismos por necessidade

O estágio atual dos estudos sobre empreendedorismo indica a existência de pesquisas em áreas bem específicas, tais como: empreendedorismo feminino (BAUGHN et al. 2006, AHL, 2006, LINDO et al, 2007); empreendedorismo indígena (PEREIRA, 2003, LINDSAY, 2005); empreendedorismo homossexual (WILLSDON, 2005); e empreendedorismo de afro-descendentes (BOXILL, 2003). Estes estudos referem-se a grupos sociais que em decorrência de sua especificidade tendem a encontrar maiores obstáculos em relação à sua ação empreendedora. E procuram verificara como lidam com esses obstáculos.

Está-se, pois, em presença de uma modalidade de empreendedorismo por necessidade. O que, de certa forma, remete aos conceitos do empreendedorismo social, que corresponde ao conjunto de iniciativas implementadas por segmentos sociais excluídos, organizações, comunidades e instituições públicas em busca de “melhorias das condições de vida locais e à abertura de possibilidades para grupos sociais menos favorecidos” (ALBAGLI, 2003, p.2).

Com efeito, o empreendedorismo social envolve o oferecimento de oportunidades para pessoas deficientes, estimula o aumento da participação em ações empreendedoras locais, contribui para o aumento do sentimento de conexão das pessoas com sua cidade, terra e cultura, e o surgimento de novas idéias. Inclui de alternativas sustentáveis para o desenvolvimento, inclusão social, maior auto-suficiência e melhoria da qualidade de vida dos habitantes e da comunidade. (MELO NETO & FROES, 2002, DEMIRDJIAN, 2007).

2.2 Empreendedorismo e tecnologias assistivas

Um grande auxílio aos cegos que de dispõem a empreender é constituído pela tecnologia assistiva, entendida como toda aquela desenvolvida para permitir o aumento da autonomia e independência de idosos e de pessoas portadoras de deficiência em suas atividades domésticas ou ocupacionais de vida diária. Essas tecnologias abarcam uma série de possibilidades do desempenho humano, desde tarefas básicas de auto-cuidado até atividades de lazer e de trabalho. A obtenção de autonomia, ou da máxima autonomia possível, é com certeza, um dos caminhos para a perfeita integração social dos idosos e das pessoas portadoras de deficiência e deve, portanto, constituir-se em premissa para qualquer intervenção em matéria de reabilitação e inclusão social (MARTINS NETO, ROLLEMBERG, 2005).

Para os cegos que decidem empreender, uma das mais importantes tecnologias é o DOSVOX, um sistema operacional que permite às pessoas cegas utilizar um microcomputador comum (PC) para desempenhar uma série de tarefas, adquirindo assim um nível alto de independência no estudo e no trabalho. O projeto DOSVOX pode ser visto como uma cunha que abre novos espaços a uma parte importante da população brasileira, cujo destino forçou a uma série de limitações. Com o uso efetivo do sistema, adaptado às reais necessidades dos cegos do Brasil, espera-se dar mais um passo no sentido de tornar os deficientes visuais elementos mais produtivos e melhor integrados à sociedade (BORGES, 1996).

Outras tecnologias capazes de auxiliar os empreendedores cegos são: a) impressora Braille; b) *scanner*, que decodifica impressos em escrita comum, permitindo ao deficiente ler textos que tenham sido digitalizados para o disco rígido ou disquete; c) Braille *n'speak*, aparelho portátil que funciona como agenda eletrônica, editor de textos e cronômetro; d) calculadora sonora, que anuncia os números, as funções e os resultados das operações efetuadas; e e) caneta óptica, dispositivo artesanal montado em caneta Pilot, contendo célula fotoelétrica e circuito que transforma a luminosidade em som emitido por pequeno alto-falante (CERQUEIRA, FERREIRA, 2000).

2.3 Apoio aos empreendedores cegos

Já existem pesquisas que mostram trabalhadores com deficiência visual tendendo a exercer ocupações pré-determinadas, resultante de enquadramentos e determinismos que foram se desenvolvendo por razões históricas de preconceito e discriminação. As medidas necessárias para facilitar e proporcionar o processo de inclusão educacional e profissional, por sua vez, traduzem-se na necessidade de atualização dos docentes, acesso aos recursos pedagógicos e atualização das instituições especializadas no oferecimento de cursos de qualificação profissional oferecido à esta população. O que contribuiria significativamente para que as pessoas com deficiência visual possam se qualificar e se preparar para a inclusão no mundo do trabalho e se tornarem empreendedoras (GOLIN, 2003).

Pessoas com deficiência têm recebido ao longo de nossa história apoio de organizações tanto oficiais quanto privadas. Mas, embora possam ser identificadas muitas organizações constituídas com a finalidade de apoiar a inclusão dos cegos, são poucas as que se voltam especificamente para apoiar sua atividade empreendedora. Uma das poucas conhecidas encontra-se na Capital do Piauí, que foi fundada em 2005 e que constitui o primeiro grupo de empreendedores cegos do Brasil, resultante de um trabalho realizado com a participação da Associação de Cegos do Piauí (PÁDUA, 2005).

3 Metodologia

O presente estudo pode ser definido como exploratório, já que tem como propósito a análise de um fenômeno pouco conhecido com vistas a proporcionar melhor compreensão do problema, bem como a construção de hipóteses.

Os dados foram obtidos mediante depoimentos de empreendedores. Procedimento este que tem sido pouco utilizado em estudos sobre empreendedorismo no Brasil. Isto porque os estudos mais valorizados do ponto de vista científico no estudo desse fenômeno são os levantamentos, que se valem principalmente de questionários e de entrevistas estruturadas. O que se justifica, pois delineamentos dessa natureza possibilitam a obtenção de resultados preciosos e dignos de confiança. Mas se mostram insuficientes para a apreensão do processo de mudança, que é fundamental em face da natureza dos objetivos acima definidos.

Daí a conveniência da utilização de depoimentos pessoais, que assim como as histórias de vida, permitem captar o que acontece na intersecção da vida individual com o contexto social (QUEIROZ, 1988). São procedimentos que possibilitam a narrativa de cada um dos pesquisados, da maneira como eles a reconstróem e do modo como pretendem que sua vida seja narrada (BOSI, 1994). É que também são adequadas para conferir sentido à noção de processo, já que permite que o assunto seja estudado do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, pressões e constrangimentos (HAGUETTE, 1987).

Foram, pois, obtidos depoimentos de cinco empreendedores. Alguns desses depoimentos foram obtidos pelos próprios autores da pesquisa e outros estavam disponíveis em sites da Web.

4 Análise e discussão dos dados

Os dados obtidos referem-se a diversos aspectos do empreendedorismo. Como a principal preocupação metodológica foi de conferir ampla liberdade aos empreendedores, evitou-se conferir um caráter diretivo à condução dos depoimentos fornecidos diretamente aos autores da pesquisa. Em relação aos depoimentos disponíveis, por sua vez, procurou-se selecionar principalmente os tópicos referentes às dificuldades percebidas para empreender, bem como as sugestões oferecidas para a facilitação dessa atividade. Assim, os depoimentos são apresentados e analisados separadamente.

4.1 Dorina de Gouvêa Nowill

O mais notável exemplo de pessoa cega empreendedora no Brasil é Dorina de Gouvêa Nowill, que nasceu em 1919, na capital paulista e ficou cega aos 17 anos. Graças a uma bolsa de estudos para os Estados Unidos, pode entrar em contato com as classes específicas para portadores de deficiência visual. Ao voltar ao Brasil, propôs um sistema parecido com o que lá haviam vivenciado: crianças cegas frequentando as mesmas escolas e as mesmas salas de aula de outras de visão normal. Em 1945, juntamente com outros profissionais, inaugurou a Fundação para o Livro do Cego, que tinha por finalidade a produção de livros através da criação de uma imprensa em Braille.

Essa Fundação – que em 1991 passou a se chamar Fundação Dorina Nowill para Cegos - atua hoje na produção de livros em Braille e livros falados e oferece atendimento especializado ao deficiente visual e sua família, nas áreas de avaliação e diagnóstico, clínica de baixa visão, educação especial, reabilitação e colocação profissional. Dorina de Gouvêa Nowil – ou Dona Dorina, como também é conhecida - de 1953 a 1970, dirigiu o primeiro órgão nacional de educação de cegos, período em que desenvolveu cursos de preparação de professores para o ensino de cegos, centros de reabilitação e programas de prevenção à cegueira. Também ocupou importantes cargos em organizações internacionais de cegos, foi um dos membros fundadores do Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos (atual União dos Cegos), órgão consultor da Organização das Nações Unidas (ONU), tendo sido a única mulher eleita para assumir a presidência desse conselho.

Dona Dorina reconhece que no Brasil atualmente há muitos empreendedores cegos:

“Ilustres anônimos, vendedores de vassouras, micro agricultores e tantos outros que trocaram a piedade das pessoas pela garantia de sua dignidade” (Depoimento concedido ao autor).

Mas admite que poderia haver muito mais empreendedores cegos, se houvesse maior empenho no processo de educação e reabilitação das pessoas cegas:

“Só não temos mais empreendedores cegos, pois nosso país ainda carece de mais mecanismos que lhes garantam educação e boa reabilitação” (Depoimento concedido ao autor).

Em relação às maiores dificuldades que os cegos encontram para empreender, Dona Dorina lembra que:

“Tudo depende da pessoa. Se você é um bebê e seus pais não têm o preparo necessário, sua maior dificuldade vai ser desenvolver as suas habilidades sem o estímulo necessário. No caso da educação há uma falta de recursos para livros específicos, para lentes especiais. Por exemplo: não há Atlas para cegos disponível na maioria das escolas brasileiras. Agora, uma das coisas mais difíceis para os deficientes é ter acesso à boas terapias, cursos e afins, isso porque boa parte, senão a quase totalidade das entidades que prestam estes serviços, sofrem com a escassez de recursos financeiros” (Entrevista concedida a Cidadania-e).

Para Dona Dorina, não faltam leis para garantir os direitos dos portadores de deficiência. O que falta é aplicá-las.

“A inclusão, nada mais é do que a aplicação da Lei que garante direitos e deveres iguais para todos. No caso do portador de deficiência, a legislação não é perfeita, mas tenta obrigar a sociedade civil a cumprir a sua parte no mecanismo da cidadania. Um exemplo disso é a Lei que obriga as empresas a preencherem uma porcentagem do seu quadro de funcionários com portadores de deficiências. Essa ainda não é a solução, mas é um começo. Para garantir direitos e deveres iguais, é preciso oferecer ao portador de deficiência oportunidades iguais. É preciso que ele possa desenvolver suas aptidões e ser reconhecido naquilo que é capaz de fazer. Não basta dar emprego, é preciso que o deficiente esteja apto a executar as suas tarefas e a progredir profissionalmente, socialmente e economicamente como todos os outros cidadãos” (Entrevista concedida a Cidadania-e).

Para Dona Dorina é preciso entender o conceito de inclusão de uma maneira mais abrangente, transcendendo os limites da Educação:

“Vale lembrar que inclusão é tudo. É no comércio, na indústria, nos meios de locomoção. Tudo isso tem que ser repensado para que o deficiente tenha uma participação mais ativa no mundo em que vive. Acima de tudo, a inclusão tem que começar na própria família do portador de deficiência”.

E em consonância com sua história de vida, afirma:

“Conduzi dois grandes empreendimentos na vida, uma fundação e uma família, a família foi muito mais difícil (...) Sempre lutei e acredito na importância da profissionalização da filantropia” (Depoimento concedido ao autor).

4.2 Marco Antonio Bertóglia

Nascido em Aratiba, Rio Grande do Sul, Marco Antonio é cego há 43 anos. Quando tinha 16 anos sofreu um acidente brincando com arma de fogo. Três anos depois, sofreu um descolamento de retina que acabou por zerar totalmente sua visão.

Neto de imigrantes e filho de comerciantes, Marco deixa claro sua vocação empreendedora:

“Nunca gostei muito de administrar, mais sempre gostei de muito de vender” (Depoimento concedido ao autor).

A escola para empreender segundo iniciou-se no pequeno bar dos pais, há mais de 40 anos, e teve seguimento com a ida da família para Porto Alegre.

O objetivo de seu pai era montar uma pensão, e assim foi feito. Alguns anos depois, no entanto, montou uma empresa de ônibus para atender pessoas que moravam no interior. Marco logo percebeu que poderia se beneficiar com essa situação, pois ia até as cidades do interior e voltava com encomendas dentro dos ônibus da empresa. Além das caixinhas que ganhava, ainda movimentava o negócio da família.

Em 1956, três anos depois de perder toda a visão, junto com alguns amigos, Marco Antonio fundou a ACERGS Associação de Cegos do Rio Grande do Sul. Todo o empenho do jovem era para captar recursos para aquela organização, e mais uma vez identificou nas vendas uma solução. Assim, juntamente com seus amigos, decidiu vender bilhetes de loteria como forma de arrecadar fundos.

Profissionalmente, Marco inaugurou seu primeiro negócio em 1970. Era uma tabacaria que também vendia revistas e bilhetes de loteria. Como na época os bilhetes tinham que ser processados em São Paulo ou no Rio de Janeiro, o pequeno empresário começou a fazer viagens para essas cidades, buscando um parceiro que o permitisse ampliar os seus ganhos.

As negociações evoluíram, e Marco Antonio viu seu negócio crescer. Mesmo tendo se matriculado no curso de Direito e tendo que conciliar suas atividades profissionais com a vida acadêmica.

“Não poderia deixar que a cegueira me impedisse de crescer, nunca deixei de fazer nada que fosse importante por ser cego” (Depoimento concedido ao autor).

Alguns anos depois, Marco percebeu que um dos negócios emergentes da família poderia ser o fretamento dos ônibus que até então faziam viagens regulares para outros municípios, para eventos, pequenas viagens em fim atividades de grupo. Assim, decidiu abrir uma pequena agência de turismo próxima a sua tabacaria.

No início dos anos 1980 Marco assumiu definitivamente a empresa de ônibus. Adotou uma estratégia de crescimento e rapidamente incorporou uma concorrente.

Os negócios iam bem, mas dois acidentes, ocorridos em 1989 e 1992, que deixaram mortos e feridos, fizeram com que Marco se desfizesse da empresa, naquele momento com mais de 40 ônibus.

Atualmente Marco Antonio é proprietário da Bengala Branca, maior empresa privada do país em tecnologia assistiva. Orgulha-se de ter revolucionado o atendimento a pessoas cegas no Brasil, trazendo para o mercado impressoras Braille e tantos outros equipamentos que até 1995 eram tão somente objetos de sonhos. Firmou representações, criou estoques, e iniciou a produção de materiais como bengalas, regletes, jogos didáticos dentre outros. Assim, equipamentos produzidos aqui e fora do país, começaram a ser tratados comercialmente, garantindo ao poder público, empresas, e pessoas físicas uma alternativa real de compra.

Mas Marco deixa claro que não é um empreendedor por oportunidade:

“Não sou um empreendedor por opção, a vida me conduziu para isso. Não podemos ver nas barreiras uma dificuldade e sim grandes oportunidades”! (Depoimento concedido ao autor).

4.3 Eurico Carvalho da Cunha

O administrador de empresas Eurico Carvalho da Cunha perdeu a visão aos sete anos de idade. Mas aos 58 anos dirige uma grande cadeia de restaurantes no Rio de Janeiro, controlando pessoalmente o trabalho de quase 500 funcionários. É casado com Marluce Dias da Silva, Diretora Geral da Rede Globo.

Com vistas à profissionalização, Eurico tomou uma decisão pouco comum:

“Ao invés de fazer Direito ou Letras, como a maioria dos cegos faz, optei por um curso que era novo na época, o de administração de empresas, na Fundação Getúlio Vargas. Meus pais (...) ficaram absolutamente impactados com a notícia. ‘Como você vai fazer Administração? Por que não faz Letras, vai dar aulas para algumas escolas, ensinar Braille, enfim, vai fazer essas coisas que os cegos geralmente fazem?’ Houve grandes discussões em torno disso. E aprendi muito a quebrar essas barreiras com as discussões que tive com meu pai nessa época. Isso feito, foi difícil fazer Administração? Foi ótimo. Ao terminá-lo, veio aquela síndrome típica de quem está se formando: e agora, qual é o próximo passo? Como é que vou me virar no mercado de trabalho? E aí entrou a sorte, na forma de um concurso para professor que exatamente naquele momento a Fundação Getúlio Vargas resolveu abrir” (Depoimento concedido ao Portal da Oftalmologia).

Mas Eurico decidiu abrir um escritório e paralelamente às atividades docentes, passou a prestar serviços de consultoria.

Continuava entusiasmado com o magistério, mas chegou uma hora em que a consultoria passou a ser uma coisa de tal volume que tive de abandonar a Fundação. Demiti-me e toquei o escritório de consultoria durante 15 anos (Depoimento concedido ao Portal da Oftalmologia).

As atividades de consultoria se adequavam mais à sua vocação empreendedora. Mas em decorrência de seu trabalho como consultor, tomou uma nova decisão:

Estava fazendo uma pesquisa para uma empresa de alimentação, que me obrigou a entrevistar donos de restaurante. Nesse tempo, eu freqüentava uns restaurantes perto de minha casa, na Barra da Tijuca, e o dono queria abandonar o negócio por causa de um assalto. Ele começou a insistir muito comigo para comprar o restaurante dele. Eu me esquivava: "Não tenho nada haver com isso, sou do campo universitário, trabalho com consultoria". Mas comecei a pensar naquilo: Afinal de contas, dei consultoria para tanta gente, por que não pôr em prática eu mesmo as idéias que passo para os outros? Resolvi enfrentar a mudança. Foi uma guinada totalmente nova em minha vida (Depoimento concedido ao Portal da Oftalmologia).

Hoje, Eurico comanda dezessete casas no Rio de Janeiro.

Por causa delas, sou hoje uma espécie de mestre de obras. Passo no mínimo dez ou doze horas por semana discutindo com engenheiros e arquitetos projetos de reforma dessas casas e mudanças da decoração. Cuido mais de obras do que de qualquer outra coisa. E o resultado disso é que acabei me

interessando por arquitetura (...) Sei que é estranho, um cego gostar de arquitetura, mas nunca pus as limitações da cegueira no caminho do que quis fazer. Quando fui fazer o curso de Administração ou virei professor da FGV ou consultor de empresas, nunca pensei nos impedimentos da deficiência física (Depoimento concedido ao Portal de Oftalmologia).

4.4 Geraldo Magela

Geraldo Magela, 45 anos, é um dos cegos mais populares do Brasil. Nasceu com retinose pigmentar, o que fez com que progressivamente fosse perdendo a visão. Criador do espetáculo “Ceguinho é a mãe”, desde muito cego começou a trabalhar e tudo indica que retirou das adversidades muito do material que utiliza em suas apresentações.

“Meu pai, criado no interior, era comerciante, e gostava de tomar umas, de vez em quando, todo dia. E, à noite, gostava de fazer um showzinho à parte. E isso me deixava muito tenso. Em função disso, tive que sair de casa ainda na adolescência e alugamos um barraco: eu, meu irmão, minha irmã e mais duas pessoas. Mesmo com estes problemas, sempre fui muito brincalhão. E ralei muito! Já vendi picolé. Ganhei até prêmio como melhor vendedor: chegava no campo de futebol com a minha caixa de isopor, cheia de picolés, e o pessoal, sabendo que eu enxergava muito pouco, enfiava a mão na caixa, e era uma maravilha: tirava dois e pagava um, tirava três e pagava dois... Já fui também carregador de feira. Com meu carrinho, acompanhava as senhoras nas suas compras. E quase sempre eu as perdia de vista ou atropelava alguém na feira... Depois, trabalhei em loja, vendi loteria... Foi quando comecei a trabalhar em rádio” (Entrevista concedida à CBV On-line).

4.5 Marco Antonio de Queiroz (MAC)

Marco Antonio de Queiroz (MAC) é desenvolvedor e consultor de acessibilidade. Ficou cego aos 21 anos, em decorrência de retinopatia diabética, além de cego é diabético e transplantado renal e do pâncreas. Com o tempo, foi conhecendo pessoas amigas com deficiências e decidiu criar o site Bengala Branca, que fornece dicas sobre acesso digital às pessoas deficientes.

O site Bengala Branca foi o seu primeiro projeto e ainda é, segundo ele mesmo, “a menina dos olhos”.

Certo dia um estagiário do SERPRO chegou para mim e perguntou se eu tinha uma página na web. Isso foi em dezembro de 1999. Eu disse que não e ele me disse que se ele fosse cego, transplantado e que se tivesse escrito um livro como eu, ele já teria 3 sites e não somente um. (...) Dessa forma, comecei a pegar códigos html de outros sites da internet e fazer testes em meu site para ver no que dava. Inaugurei a “Bengala Legal” em 2/02/2000. (...) Por causa da “Bengala Legal” acabei, forçosamente, aprendendo acessibilidade web. (...) Meu início foi copiando e colando códigos de outros para ver no que dava em meu site. Assim aprendi a fazer um link, link de envio de e-mails, tabelas de dados e tabelas para ‘layoutar’ a página, formulários, a entender como se fazia as cores em hexadecimal, a entender de metatags, a fazer tudo que fosse acessível para o meu leitor de tela. (...). Meu objetivo não era fazer uma página para cegos, mas para o mundo. No final de 2001, quando descobri o WCAG 1.0 foi a festa. Cheguei a me emocionar em perceber que os próprios sujeitos que desenvolviam os padrões web já sabiam de acessibilidade e se importavam com isso, eu não estava só! (Depoimento concedido a Rochester Oliveira).

O sucesso desse empreendimento, por sua vez, levou-o a se preocupar também com a inclusão dos surdos.

O surdo sempre foi uma de minhas maiores preocupações, simplesmente porque eu não sabia, e ainda sei pouco, fazer acessibilidade web para eles. Como colocar legendas em vídeos? Como praticar a língua de sinais nos sites? Isso aos poucos vai sendo resolvido, mas ainda é das minhas maiores preocupações. Quanto a nós cegos, nossos leitores de tela estão cada vez mais sofisticados, embora a web também o esteja, deixando-nos fora do baile inúmeras vezes. Existem poucos sites acessíveis no Brasil e no mundo, caso sejamos capazes de distinguir acessível de acessável (Depoimento concedido a Rochester Oliveira).

Hoje MAC está trabalhando com um grupo de acessibilidade Web, que é formado por consultores com diversas experiências de mercado, formação e de vida, onde foi criada uma lista de discussão para tratar exclusivamente de assuntos relacionados à acessibilidade na Web.

5 Conclusão

A existência de empreendedores cuja principal motivação é a dificuldade para o exercício de atividade profissionais em decorrência de deficiências indica a necessidade da realização de estudos e pesquisa que tenham como sujeitos pessoas portadoras de deficiência. Não basta, porém, a realização de levantamentos com a finalidade de verificar suas opiniões e expectativas. Requer-se a realização de estudos cujas estratégias para coleta de dados possibilitem a narrativa dos sujeitos conforme eles mesmos o reconstroem, com suas suposições, pressões e constrangimentos. Os depoimentos obtidos neste estudo exploratório indicam como os cegos mediante criatividade tendem a retirar da adversidade idéias que contribuem para que se tornem empreendedores. Indicam também que a educação constitui um dos mais importantes elementos a serem considerados no processo empreendido pelas pessoas cegas. Conclui-se, pois, pela necessidade de elaboração de programas e projetos, bem como de organizações capazes de apoiar empreendedores cegos.

Possibilitam a narrativa de cada um dos pesquisados, da maneira como eles a reconstroem e do modo como pretendem que sua vida seja narrada. É uma das técnicas mais adequadas para conferir sentido à noção de processo, já que permite que o assunto seja estudado do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, pressões e constrangimentos

Referências

MARTINS NETO, João Carlos; ROLLEMBERG, Rodrigo Sobral. *Tecnologias assistivas e a promoção da inclusão social*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2005.

Disponível em:

<Dishttp://www.ciape.org.br/artigos/artigo_tecnologia_assistiva_joao_carlos.pdf. Acesso em: 5 set. 2007.

PÁDUA, Antonio. *Piauí terá primeiro grupo de empreendedores cegos*. 10 jun. 2005. Estado do Piauí. Coordenadoria da Comunicação Visual. Disponível em: <www.piaui.pi.gov.br/materia.php?id=13526>.

ADMINISTRADOR cego que comanda vários restaurantes no rio de Janeiro. *Portal da Oftalmologia*. 6 mar. 2004. Disponível em: <http://www.portaldaretina.com.br/home/entrevistas.asp?cod=5>. Acesso em 30 out. 2007.

AHL, H. Why Research on Women Entrepreneurs Needs New Directions. *Entrepreneurship Theory and Practice*. V. 30, n. 5p. 595-619, 2006.

ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L. Capital social e desenvolvimento local. In: LASTRES, H.M.M.; CASSIOLATO, J.E.; MACIEL, M. M. (Orgs.). *Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

BAUGHN, C.C.; CHUA, B.; NEUPERT, K. The normative context for women's participation in entrepreneurship: a multicountry study. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 30, n. 5, 2006.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOXILL, I. Unearthing Black entrepreneurship in the Caribbean: Exploring the culture and MSE sectors. *Equal Opportunities International* v. 22, n. 11 p. 32-45, 2003.

BORGES, J. A. *DOSVOX - um novo acesso dos cegos à cultura e a e ao trabalho*. Rio de Janeiro: 1996. Disponível em: 200.156.28.7/Nucleus/media/common/Nossos_Meios_RBC_RevMai1996_Artigo5.doc –

BRUNEAU, J.; MACHADO, H. V. Empreendedorismo nos países da América Latina baseado nos indicadores do Global Entrepreneurship Monitor. *Panorama sócio-económico.*, vol. 24, n. 33, jul-dez. 2006, p. 18-25. DORINA Nowill - A pioneira da inclusão. *Empreendedor*. 6/01/2007. Disponível em: <http://www.empreendedor.com.br/?pid=23&mid=790&pagina=1>. Acesso em: 20 out. 2007.

CERQUEIRA, J.; FERREIRA, E. M. B. Recursos didáticos na educação especial. *Nossos Meios*. abr. 2000. Disponível em: <http://200.156.28.7/Nucleus/media/common/Nossos_Meios_RBC_RevAbr2000_ARTIG O3.RTF>. Acesso em: 31 out. 2007.

CIDADANIA-e. *Meio século em benefício de deficientes visuais*. Aprendiz: guia de empregos. Disponível em: <www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/eficientes/info/artigos_260202.htm - 21k. >. Acesso em 23 out. 2007.

CBV ON-LINE. Geraldo Magela: *Lidando com bom humor com suas deficiências*. 5 jul. 2006. Disponível em: <http://www.cbv.med.br/jornal/entrevistas.asp?cod=27>. Acesso em 26 set. 2007.

FUNDAÇÃO DORINA NOWIL PARA CEGOS. *A fundadora*. Disponível em: <http://www.fundacaodorina.org.br/fundacao/fundadora.asp>. Acesso em 29 out. 2007.

GOLIN, A. F. *O trabalhador portador de deficiência visual: um estudo de caso*. 2003. 102f. Dissertação. (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis.

HAGUETTE, T M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

LINDO, M. R.; CARDOSO, P.M.; RODRIGUES, M.E.; WETZEL, U. Vida pessoal e vida profissional: os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro *RAC-E*. v. 1, n. 1, p. 1-15 Jan./abr. 2007

LINDSAY, N.J. Toward A Cultural Model of Indigenous Entrepreneurial Attitude *Academy of Marketing Science Review*, v. 5, 2005. Disponível em: <http://www.amsreview.org/articles/lindsay05-2005.pdf>.

MELO NETO, F.P; FROES, C.. *Empreendedorismo Social: A transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002

MEYER, J. Bringing practicality and theory together: the case of importing current practical examples to support the theory of teaching project management. *The Business Review*. v. 5 n. 2 p. 276-279 Cambridge: Summer 2006.

OLIVEIRA, R.. *A realidade da acessibilidade: Entrevista com o MAQ*. Web Bem Feita. Disponível em: <http://webbemfeita.com/webbemfeita/a-realidade-da-acessibilidade-entrevista-com-o-maq/>. Acesso em: 30 sete. 2007.

PEREIRA, F.I. Uma investigação empírica do conhecimento como meio de promoção do empreendedorismo social nas comunidades indígenas amazônicas In: *VI Simpósio Internacional de Gestão do Conhecimento*, Curitiba, 2003.

QUEIROZ, M. I P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível. In: VON SIMSON (Org.) *Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice. 1988.

SCHLEMM, Marcos Mueller et al. *Empreendedorismo no Brasil: 2006*. Curitiba : IBQP, 2007.

WILLSDON, J. Homosexual Entrepreneurs. *Irish Journal of Management* v. 26 n. 1, 2005.